

# Cheiro de Mar

— IZILDA BICHARA —

intransitiva  
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# Cheiro de Mar

Izilda Bichara —————

## I

Ela veio me acordar com um beijo.

— Vamos, filha, está na hora.

A luz forte da lâmpada acesa invadiu meus olhos cheios de sono. Virei para o outro lado.

— Vamos, ela insistiu. Seus irmãos já se levantaram.

Meu pai apareceu na porta e me disse, piscando um olho:

— Quer ir comigo à padaria?

No quarto ao lado, meus irmãos se vestiam, numa euforia de meninos no recreio e minha mãe corria de lá para cá, dando-lhes ordens e abotoando meu vestido.

Um cheirinho de café coado vinha da cozinha, território de minha avó.

— Prontinho. Só falta calçar os sapatos. Vão logo e não demorem muito a voltar.

Saí de casa de mãos dadas com meu pai, achando tudo muito estranho. Ainda estava escuro e um misto de insegurança e de aventura tomava conta de mim. Era a primeira vez que eu andava a pé, em plena noite, pelas ruas do bairro. Os passos de meu pai eram firmes e rápidos e, por mais que ele tentasse conter o ritmo, eu tinha de me esforçar para acompanhá-lo, sem pedir colo.

Havia estrelas no céu e um cheiro de jardim molhado, no ar. As luzes das casas estavam apagadas, com exceção de uma ou outra varanda. Tudo fazia um silêncio comprido, menos um cachorro, assustado com nossa presença. Meu pai conversava comigo. Falava sobre o mar, barcos, peixes e redes, coisas de um universo que não era o meu.

Não demoramos a chegar à padaria, que ainda estava fechada. Fomos, então, para a rua de trás, onde entramos por uma portinha estreita, quase escondida pelas imensas toras de madeira que cobriam a calçada. Um cheiro maravilhoso de pão assando espalhava-se por toda a parte e atiçava minha fome.

Era um lugar enorme e quente, uma espécie de salão cheio de balcões altos e de homens de aventais mal amarrados e com nódoas. Um deles me deu um biscoito, que pegou de uma grande assadeira prateada, enquanto o outro colocava num saco de papel pardo alguns filões de pães, que acabara de tirar do forno.

Meu pai esbanjava simpatia com todos e me mostrava, animado, as fornalhas acesas, os sacos de farinha e as bolas de massa. Mas se lembrou de que precisávamos ir.

Na volta, o medo da escuridão se dissipava em mim, como a noite. Eu caminhava solta, correndo e pulando, subindo e descendo cada degrau das casinhas térreas do caminho.

— Você parece uma cabritinha feliz, ele me disse, sorrindo.

E eu também sorri.

## II

Quando chegamos, Maria estava descendo as malas e as sacolas para a sala.

Meu pai comentou, contrariado:

— Não vão caber no carro do Seu Osvaldo.

Ela deu de ombros, como sempre fazia quando queria dizer alguma coisa, mas se continha.

Maria tinha uns trinta anos, ajudava nas tarefas de casa e morava conosco há tempos.

A mesa estava posta na cozinha e nos sentamos com o resto da família para tomar nosso café com leite. Minha mãe, em pé, preparava para todos nós fatias daquele pão fresquinho com grossas camadas de manteiga derretida e marmelada, enquanto minha avó vaticinava:

— Vamos acabar perdendo o ônibus.

Seu Osvaldo chegou a tempo de entrar e de tomar um cafezinho puro com açúcar. Depois, foi ajudar meu pai a colocar as malas na Kombi, enquanto minha mãe e Maria fechavam tudo e minha avó dava um jeito na cozinha. Na calçada, meus irmãos se divertiam, disputando o toque numa velha bola de meia e quando, enfim, todos estavam prontos, minha avó me ajudou a pular o muro para eu colocar a chave de casa debaixo do capacho da vizinha. Ela viria nos próximos quinze dias molhar as plantas e cuidar do cachorro.

Não tínhamos carro, nessa época, e andar na Kombi de seu Osvaldo, antigo amigo da família, era uma verdadeira festa para mim e para meus dois irmãos. Nesse dia, porém, a festa maior aconteceu quando descemos da Kombi, nós e nossas tralhas, na esquina da Avenida Brasil com a Avenida Rebouças, onde encontramos a família de tia Áurea.

Ela era a irmã inseparável de minha mãe e tinha cinco filhos. Assim, entre crianças e adolescentes, éramos oito. Eu, a caçula, com menos de seis anos de idade e Salete, a mais velha, com quase quinze.

Sempre que possível, estávamos todos juntos e, desta vez, tio Caggiano, marido de tia Áurea e comerciário, convidou-nos para uma temporada em Bertioxa, na Colônia de Férias do SESC.

Eu nunca tinha visto o mar, a não ser em ilustrações. Sabia de sua imensidão, de seus encantos e mistérios pelas muitas histórias contadas por meu pai, nascido na Ilha do Marajó, que tinha verdadeira adoração e familiaridade com mares, rios e peixes.

Já era dia claro, quase sete da manhã, quando um ônibus de turismo estacionou perto de nós e começou a recolher as famílias reunidas na calçada.

### III

Durante todo o percurso, uma indisfarçável alegria tomava conta de todos. Os meninos não paravam sentados; iam cantando, rindo, fazendo comentários engraçados. Não deixavam ninguém descansar. Os adultos pareciam mais tolerantes do que de costume com aquela bagunça. Afinal,

também eles estavam em férias. Eu, aconchegada no mesmo banco de meus pais e habituada com aquela balbúrdia de primos e irmãos, acabei dormindo com o balanço do ônibus.

Acordei em Jacareí, na primeira parada, quando descemos para esticar as pernas e usar o banheiro, por apenas quinze minutos. Mas o reembarque foi muito mais demorado do que isso.

Todos já estavam dentro do ônibus, menos minha avó. Tia Áurea e minhas primas acabaram por encontrá-la, algum tempo depois, numa casinha do outro lado da estrada, comprando biscoitos para os netos. Eram uns biscoitos caseiros muito duros, mas deliciosos.

A viagem prosseguiu e eu cochilava novamente, recostada no braço de minha mãe, quando meu pai me chamou:

— Filha, filha! Olha lá o mar!

Passei para o colo dele para olhar pela janelinha. O ônibus ia por uma estrada arenosa, cercada de arbustos secos e, ao longe, via-se uma faixa cinzenta, meio indefinida, muito diferente de tudo o que eu imaginara. Aquilo era o mar?

Havia, porém, um cheiro novo no ar. Esse, sim, me marcou para sempre. Era o cheiro do mar.

## IV

Ficamos acomodados em dois chalés bem próximos. Isso facilitava a constante perambulação de crianças e adolescentes, de um lado para o outro, e nos sentíamos como se tivéssemos uma só casa.

Para mim, tudo era novidade: desde as gincanas e jogos organizados para entrosar crianças e adultos, até as refeições, com hora marcada, e servidas em grandes bandejas, por moças com o cabelo preso numa redinha preta. Eu adorava ir para a fila da sobremesa e torcia para ter sorvete ou gelatina, coisas que eu quase nunca comia em minha casa. Mas, de todas as novidades, a maior, sem dúvida, era ele. O mar.

Fui apresentada ao mar aos pouquinhos.

Nesse mesmo dia, fui vê-lo de pertinho e me assombrei com sua imensidão, com seu barulho e, principalmente, com o movimento da espuma

branca de suas ondas. Senti uma mistura de medo e de atração, uma espécie de urgência nervosa, uma necessidade de entrega, que foi salva pela proibição:

— Não, não. Você almoçou agora há pouco. Só pode entrar mais tarde, quando fizer a digestão.

Conduzida pelas mãos firmes de pai e mãe, fui me distanciando dele, sempre olhando para trás. Ali estava o mar. O meu mar, que, agora, era muito mais do que um cheiro diferente.

Voltamos à praia no final da tarde. Meu pai foi paciente comigo e me encorajou a entrar na água devagarzinho. Primeiro, molhei os pés e achei a água muito gelada. Depois, foi a vez das pernas e gostei mais um pouco. Levei um susto com meu irmão mais velho, pegando no meu pé e fingindo que era um siri. Chorei e ri, ao mesmo tempo, mas logo já estava pulando as ondas, com o resto da família. Aquela delícia sem fim era o mar. Um lugar onde todos se divertiam, mesmo ali, no rasiño, pois minha avó ficava o tempo todo vigiando os netos e dizendo:

— Cuidado! O mar é traiçoeiro. Água acima do umbigo, perigo!

Aproveitei cada minuto da praia nos dias que se seguiram. Quando o sol estava muito forte, minha mãe insistia para que eu ficasse com ela, debaixo da barraca. Eu nunca queria sair do mar, mas acabava me divertindo também na areia, fazendo castelos e esculturas, enterrando e desenterrando meus próprios pés ou os pés dos adultos.

Assim, uma rotina deliciosa, que alternava praia, refeições e brincadeiras ia se estabelecendo.

## V

Uma noite, porém, já pelo meio da temporada, minha mãe começou a passar muito mal, com febre altíssima e dores fortes na barriga.

Era ainda de madrugada e meu pai correu à administração da Colônia para acionar o médico de plantão. Eu acordei com a movimentação na casa e vi chegar aquele senhor baixinho e careca, que examinou meticulosamente minha mãe.

Ela foi levada, às pressas, para um hospital em Santos, acompanhada por meu pai e minha avó. Eu e meus irmãos ficamos abraçados, olhando a ambulância partir. Um silêncio feito de medo e apreensão tomava conta de nós. Tia Áurea disse que íamos ficar bem, sob os cuidados dela e da Maria, que iríamos nos divertir todos juntos no mar. Mas como ficar bem, se eles, os adultos, mal conseguiam disfarçar a preocupação com o estado grave de minha mãe?

O dia começava a clarear e, sem que ninguém percebesse, saí, em desespero, do chalé.

A praia, àquela hora da manhã, ainda estava deserta. O cheiro do mar invadia minhas narinas. Fiquei ali parada, ofegante, diante daquela imensidão de águas em movimento.

## VI

Minha mãe voltou para Bertioga dois dias antes do final da temporada, ainda bastante enfraquecida pela cirurgia de urgência. Eu não saía mais do lado dela. Estava feliz por vê-la novamente e também aliviada por ter uma desculpa mais consistente para não ir à praia.

Naqueles dias em que minha mãe estivera internada, tinha sido muito difícil resistir à insistência do resto da família para que eu fosse me distrair no mar. Eu recusava intimidada, dizia que preferia brincar na areia, que estava com sono, com fome ou com dor de barriga. Todos fingiam acreditar, respeitando minha orfandade temporária.

Com minha mãe novamente ao meu lado, voltei a ser uma criança feliz, mas menos feliz do que antes.

Eu tinha quase dezessete anos, quando fomos passar uns dias em Mongaguá. O lugar não era bonito, mas a casa alugada por meu pai era espaçosa e havia a promessa de meus primos e tios virem também.

Naquele dia, logo cedo, minha mãe me chamou para uma caminhada na praia. Recusei a princípio, mas não teve jeito e acabei indo de má vontade, como todas as outras vezes em que o programa envolvia o mar. Eu seguia quieta ao lado de minha mãe, com os olhos baixos, à procura de conchinhas na areia, quando, sem nenhum rodeio, ela me perguntou:

— Por que você nunca entra no mar?

Emudeci. Não consegui tentar sequer uma desculpa. Aquele cheiro incomparável na manhã que despontava e a imensidão daquelas águas em movimento trouxeram de volta a menina pequena e desamparada, que agora não conseguia conter as lágrimas.

Então eu lhe contei. Conteí a promessa que fiz, para que ela não morresse, e choramos juntas.

Ficamos abraçadas em silêncio durante um longo tempo. Depois, numa espécie de ritual, ela se postou diante do mar, a meu lado, e disse:

— Tudo o que foi feito foi por amor e, do amor de uma criança, não se pode exigir um sacrifício tão grande. Que, neste momento, o juramento desta menina seja desfeito, para que ela esteja livre para entrar nas águas do mar, quando quiser.

Ela, então, puxou-me com delicadeza pela mão e, juntas, fomos atravessando, uma a uma, as ondas geladas que vieram nos receber.

## Sobre a autora

Izilda Bichara é formada em Letras e em Direito pela USP. Foi professora de Língua Portuguesa, procuradora do Município de São Paulo e orientadora de oficinas de poesia e expressão escrita. Integra o Coletivo Literário Martelinho de Ouro, desde a sua fundação, em 2012, tendo contos publicados nas diversas coletâneas do grupo: *Achados e Perdidos*, *Serendpt*, *Sub*, *Eu não sou aqui* e *O dia como ele é e nos fanzines 50 anos daquele 64*, *Fancine* e *Sóis e Sombras*. Também participa do Mulherio das Letras e tem poemas e contos publicados em antologias nacionais e internacionais desse coletivo. É autora da novela *Térreo* (e-galáxia) e de *Desculpa o atraso e outros contos* (ed. @link). Foi finalista do Prêmio Off Flip 2015.

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/izildabicharaescritora/>  
Email: [izildabichara@gmail.com](mailto:izildabichara@gmail.com)